

A referência semântica dos pronomes pessoais nós/a gente no falar de Concórdia (Santa Catarina)

The semantic reference of personal pronouns nós/a gente in the spoken language of Concórdia (Santa Catarina)

Lucelene Teresinha Franceschini*

RESUMO: Neste artigo analisamos a referência semântica do sujeito no uso dos pronomes pessoais *nós/a gente* no falar de Concórdia – Santa Catarina. Nosso objetivo é analisar o uso desses pronomes com referência semântica determinada e indeterminada, bem como os grupos de fatores linguísticos e sociais que possam, eventualmente, estar condicionando esses usos. Este estudo está apoiado, especialmente, nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista. A amostra foi constituída por 24 entrevistas, coletadas entre os anos de 2007 e 2010 e distribuídas por duas faixas etárias (26 a 45 anos; 50 anos ou mais); sexo (masculino; feminino) e três níveis de escolaridade (fundamental I; fundamental II; ensino médio). Para a análise estatística dos dados coletados foi utilizado o pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988). Os resultados gerais indicam que no falar de Concórdia o pronome inovador *a gente*, além de predominar largamente com referente indeterminado, contexto que provavelmente propiciou sua entrada no sistema pronominal, já apresenta um uso próximo àquele do pronome *nós* em contexto de determinação.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Pronomes nós/a gente. Referência semântica.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the semantic reference of the subject in the use of personal pronouns *nós/a gente* in the speech of the city of Concórdia, State of Santa Catarina, southern Brazil. Our objective was the analysis of the use of both determined and undetermined semantic references, as well as groups of linguistic and social factors that could eventually be connected to such use. This study was primarily based on the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics. The sample consisted of 24 interviews that were collected between 2007 and 2010 and distributed according to two age ranges (26 to 45 years of age; 50 and over); gender (male; female) and three education levels (elementary school; middle school; high school). The VARBRUL (PINTZUK, 1988) program package was used in the statistical data analysis. The overall results indicate that, in the speech of Concórdia, the innovative pronoun *a gente*, in addition to being largely prevailing with an undetermined referent, which is a context that likely favored its adoption as a pronoun, already presents a use as close as that to the pronoun *nós* in a determined context.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Pronouns nós/a gente. Semantic reference.

1. Considerações iniciais

Muitos estudos já foram realizados sobre os pronomes pessoais, com abordagens as mais variadas e enfoques diversos. Porém, parece que a discussão sobre a referência

* Pós-Doutoranda em Linguística - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR. Bolsista PNPd/CAPES. E-mail: lucelef@bol.com.br

semântica dos itens dessa classe apresenta-se ainda como uma das questões mais polêmicas nesse campo. Vários autores se interessaram por essa questão e buscaram, assim, identificar a ‘referência’ dos pronomes, o que os levou necessariamente à análise da função que esses elementos desempenham no discurso.

Em nosso estudo, a análise da variação pronominal nós/a gente levou-nos a pensar na questão da multiplicidade referencial do sujeito e na necessidade de verificar quais são os tipos de referentes que predominam no uso desses pronomes, assim como os fatores que estariam influenciando esses usos.

Neste artigo, utilizando a metodologia da sociolinguística variacionista, procuramos analisar a referência semântica no uso dos pronomes pessoais nós/a gente a partir de dados provenientes de 24 entrevistas realizadas em Concórdia, Santa Catarina. Essas entrevistas foram realizadas entre os anos de 2007 e 2010, e distribuídas por sexo, duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio).

Pesquisas já realizadas sobre a multiplicidade referencial de nós/a gente indicam que esses pronomes *nem sempre* se referem à primeira pessoa do plural, pois podem designar também referentes genéricos, e mesmo referir-se ao próprio falante: ‘eu’. Para melhor entendermos a multiplicidade referencial dos pronomes pessoais detectados em nossos dados e, assim, fundamentarmos nossa análise, revisamos alguns estudos sobre os pronomes pessoais, em especial textos de Benveniste (1995), relacionando-os a alguns trabalhos desenvolvidos sobre o assunto no Brasil (ILARI; FRANCHI; NEVES, 1996; LOPES, 1998; NEVES, 2000, 2008).

2. O sistema de pronomes pessoais

A classificação dos pronomes pessoais na Gramática Tradicional é feita a partir de uma concepção segundo a qual as estruturas linguísticas refletem diretamente as coisas, ou seja, na qual os referentes são considerados como realidades independentes das práticas discursivas e, nesse caso, *referir* é considerada uma atividade de “etiquetar” um mundo existente e não uma atividade discursiva. Os gramáticos perpetuam, assim, a divisão fixa e estável das pessoas da gramática grega, na qual há a 1.^a pessoa – *eu*, a 2.^a pessoa – *tu*, e a 3.^a pessoa – *ele*. Nesses estudos, a classe dos pronomes pessoais apresenta três pessoas que são simetricamente tratadas. Essa simetria entre as pessoas é criticada por Benveniste, que destaca:

Essas denominações não nos informam nem sobre a necessidade da categoria, nem sobre o conteúdo que ela implica nem sobre as relações que reúnem as diferentes pessoas. É preciso, portanto, procurar saber como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras e sobre que princípio se funda a sua oposição, uma vez que não podemos atingi-las a não ser pelo que as diferencia. (BENVENISTE, 1995a, p. 248)

A partir da concepção de que o discurso abrange a relação entre a linguagem e o mundo, entende-se que os seus referentes não são entidades definidas *a priori* e estáveis, mas entidades construídas, nas quais o significado revela-se no evento discursivo. Essa instabilidade é considerada como um problema para alguns, em especial para os gramáticos, tendo em vista que abala a estrutura do que é visto como universal e único. Mas torna-se necessário entender essa instabilidade como o resultado do processo interacional de uma língua em uso e, sobretudo, reconhecê-la como uma propriedade inerente a um discurso do qual participam sujeitos que também se definem *na e pela* língua.

Em seu artigo *A natureza dos pronomes*, Benveniste (1995b) enfatiza a necessidade de se considerar particularmente a situação dos pronomes pessoais:

Não é suficiente distingui-los dos outros pronomes por uma denominação que os separe. É preciso ver que a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu, tu, ele*, abole justamente a noção de “pessoa”. Esta é própria somente em *eu/tu*, e falta em *ele*. Essa diferença natural sobressairá da análise de *eu*. (BENVENISTE, 1995b, p. 277)

Em outro artigo, *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, Benveniste (1995a, p. 250) também destaca as diferenças entre *eu, tu e ele*. O autor afirma que “uma teoria linguística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas.”. Refutando, assim, a homogeneidade apresentada pela teoria clássica, o autor parte das definições empregadas pelos gramáticos árabes: para esses gramáticos, a primeira pessoa é *aquele que fala*; a segunda, *aquele a quem nos dirigimos*; mas a terceira é *aquele que está ausente*. Benveniste destaca que nessas denominações encontra-se implícita uma noção ‘justa’ das relações entre as pessoas, principalmente por revelar o que realmente diferencia a terceira pessoa das duas primeiras. Assim, o autor denomina a terceira pessoa *não-pessoa*, porque, enquanto o *eu* é aquele que enuncia, e o *tu* é aquele a quem o *eu* se dirige, o *ele* pode ser uma infinidade de sujeitos, ou nenhum.

O princípio sobre o qual Benveniste estabelece a oposição entre *eu, tu, ele* considera o *discurso, a língua em emprego e em ação*, conforme destacou Flores (2008,

p. 51). É, então, com base no discurso que Benveniste opõe a *primeira pessoa* e a *segunda* à *terceira*, pois tanto a *primeira pessoa* como a *segunda* estão implicadas no discurso, enquanto a *terceira* dele não participa.

Uma questão relevante, e diretamente relacionada ao nosso estudo, é a chamada *pluralização* dos pronomes, também presente no texto de Benveniste (1995a, p. 256). O autor diz que o simples fato de que palavras diferentes são geralmente empregadas para *eu* e *nós* (e também para *tu* e *vós*) já seria suficiente para não incluir os pronomes nos processos ordinários de pluralização, pois, segundo ele, na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal. Uma diferença fundamental apontada pelo autor entre os pronomes pessoais e outras classes de palavras é a *unicidade* e a *subjetividade* inerentes a *eu*, o que contradiz a possibilidade de uma pluralização. A partir dessas considerações, pode-se perceber, então, que no caso dos pronomes pessoais a passagem do singular para o plural não implica apenas uma pluralização.

Benveniste destaca ainda que inúmeras línguas possuem uma diferenciação da forma verbal da primeira pessoa do plural sob dois aspectos distintos, *inclusivo* e *exclusivo*, o que denuncia uma complexidade particular.

O “não-eu” implícito e necessário em “nós” é notoriamente susceptível de receber, em línguas muito diversas, dois conteúdos precisos e distintos. “Nós” se diz de uma maneira para “eu + vós” e de outra para “eu + eles”. São as formas inclusiva e exclusiva que diferenciam o plural pronominal e verbal da primeira pessoa numa grande parte das línguas ameríndias, australianas, no papua, malaio-polinésico, dravídico, etc. (BENVENISTE, 1995a, p. 256)

O autor ressalta aqui a necessidade de se reconhecer que a distinção das formas *inclusiva* e *exclusiva* se modela sobre a relação estabelecida entre a *primeira pessoa* e a *segunda* do singular, e entre a *primeira pessoa* e a *terceira* do singular, respectivamente. Nota-se claramente nos textos de Benveniste a significativa diferença entre o plural *exclusivo* e o *inclusivo*, assim como a problemática questão da *pluralização dos pronomes*.

3. A indeterminação do sujeito

Considerando particularmente a indeterminação do sujeito, também presente na análise da referência semântica dos pronomes *nós/a gente*, podemos observar, no uso corrente da língua, que formas pronominais são frequentemente utilizadas com esse valor

semântico em muitas línguas, e entre elas no português do Brasil (doravante PB). A gramática tradicional, porém, geralmente cita apenas duas formas de se indeterminar o sujeito, conforme observamos em Cunha e Cintra (2001, p. 128): a) com o verbo na 3.^a pessoa do plural sem sujeito; e b) com o pronome *se* junto ao verbo na 3.^a pessoa do singular.

Como alguns estudos já demonstraram (MILANEZ, 1982; MENON, 1994; SETTI 1997), há várias formas de se indeterminar o sujeito, além das citadas acima. Milanez (1982) analisou 20 horas de gravação do Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) de São Paulo. No *corpus* analisado detectou a presença dos seguintes recursos de indeterminação: *a gente, você, eles, eu, nós, o/um indivíduo, o/um sujeito, o/uma pessoa, o/um cara, a/uma pessoa*, que classificou como formas representadas por sujeito lexical; e um grupo de formas sem sujeito lexical: (\emptyset + 3.^a p. sing.), (\emptyset + 3.^a p. pl.), *se* e (\emptyset + *infinitivo*).

Menon (1994), em pesquisa realizada com 68 informantes, também do Projeto NURC de São Paulo, encontrou 12 variantes para indeterminar o sujeito: *a gente, eles, eu, formas nominais, nós, se, você, vocês, VPSA (Voz Passiva Sem Agente), VPASSINT (Voz Passiva Sintética), \emptyset V3PS (Verbo na terceira pessoa do singular sem sujeito), \emptyset V3PP (Verbo na terceira pessoa do plural sem sujeito)*.

Já Setti (1997) analisou 72 entrevistas do banco de dados VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), considerando as três capitais da região Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre). Apesar de o *corpus* analisado ser de outra região, a autora encontrou nos dados as mesmas variantes apontadas por Menon, incluindo ainda para Florianópolis e Porto Alegre o pronome *tu*, não presente em trabalhos anteriores.

Percebe-se, a partir desses estudos, que a indeterminação do sujeito apresenta uma grande diversidade de recursos, muito superior aos apresentados pela gramática tradicional. Outra questão fundamental no estudo da indeterminação é a diferença entre esta e a indefinição, conceitos não claros na gramática tradicional.

Segundo Milanez (1982), vários aspectos devem ser considerados na distinção entre esses dois conceitos, como, por exemplo, o fato de que a indeterminação apresenta recursos sintaticamente bem distintos entre si (tanto formas verbais como itens lexicais de 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoas), enquanto que a indefinição envolve formas lexicais exclusivas de 3.^a pessoa: *alguém, algo, uns, tudo, nada*, etc. Para a autora, outra característica essencial da indeterminação é a generalização, que na indefinição é apenas uma

possibilidade, e mesmo quando generaliza, esta distingue-se da indeterminação pela natureza limitada dessa generalização. Desse modo, segundo Milanez, a indefinição pressupõe um conjunto fechado de elementos que pode ser expresso ou na sua totalidade (*todos, tudo*), ou no seu esvaziamento (*nenhum, nada*) ou parcialmente (*alguns, uns, etc.*). Ao contrário, os recursos da indeterminação não apresentam esse aspecto quantitativo, pois na indeterminação o referente, por não ser determinado, não pode ser quantificado.

Menon (1994) analisou detalhadamente a questão da indeterminação do sujeito em sua tese, e para o levantamento dos dados a autora estabeleceu uma série de *testes* que tinham por objetivo verificar se uma forma linguística poderia ser considerada um recurso utilizável para a indeterminação do sujeito. Um dos testes propostos pela autora, que destacamos aqui, é a *intercambialidade das formas*. Como o pronome *se* é considerado a forma prototípica da indeterminação, esse teste consiste em substituir as formas encontradas por esse pronome e verificar, assim, se o conteúdo semântico da indeterminação permanece. Para esse teste a autora considerou, além do *se*, também a possibilidade de substituição entre as seguintes formas: *a gente, eles, eu, nós, você, vocês*, FN (formas nominais), VPSA (Voz Passiva Sem Agente), VPASSINT (Voz Passiva Sintética), ØV3PS (Verbo na terceira pessoa do singular sem sujeito), ØV3PP (Verbo na terceira pessoa do plural sem sujeito).

Como pode ser observado nos exemplos (1) e (2), extraídos de nossos dados, o mesmo informante usa, alternadamente, os pronomes indeterminadores *a gente* e *você*; e, também, é possível substituí-los, nos dois exemplos, pelo pronome *se* sem alteração do valor semântico-referencial que apresentam. Isso comprovaria, segundo Menon, o caráter indeterminador do uso desses pronomes nesse contexto. No exemplo (1), o falante discorre sobre a necessidade de adequar as técnicas de acupuntura aos problemas de saúde dos pacientes para se obter melhores resultados. Ele usa *a gente* e *você* com valor indeterminado para se referir às pessoas em geral que trabalham com acupuntura. Do mesmo modo, o informante do exemplo (2) alterna o emprego de *a gente* e *você* com valor indeterminado quando fala sobre as formas de tratamento usadas com as pessoas mais velhas.

- (1) Então *a gente* percebe assim, na área tem- tem um determinado tipo de- de problema que *você*...tem mais dificuldade em tê resultado, precisa uma técnica que melhore o desempenho nesse campo, então *a*

gente vai buscar. (MS1f)¹

(2) É, pelo menos *a gente* sempre aprende isso também, né? que as pessoas mais velha *você* chama de ‘senhor’, ‘senhora’, né? (MP1d)

Em nosso trabalho, para a classificação dos pronomes nós/a gente indeterminados, adotamos a perspectiva de Menon (2006, p.129), segundo a qual “a indeterminação do sujeito concerne os casos em que não se pode ou não se quer nomear o sujeito, na acepção de *referente extralinguístico*”.

4. A referência semântica dos pronomes pessoais nós/a gente

Vários autores analisaram a referência semântica dos pronomes pessoais nós/a gente, e em seus estudos estabeleceram classificações que abarcavam os tipos possíveis de referentes. Alguns desses trabalhos enfatizam os aspectos levantados sobre a categoria de pessoa e número e a noção do *eu-ampliado* de Benveniste. Esses trabalhos procuraram identificar as diferentes possibilidades de referência semântica para as formas pronominais.

Ilari, Franchi e Neves (1996), com base em Benveniste, encontram para a 1.^a pessoa plural (*nós* ou *a gente*) as seguintes funções:

Afora um tipo de emprego em que um indivíduo institui sua fala como a de um grupo, mas nele não inclui nem a segunda nem a terceira pessoa (plural de modéstia), o pronome *nós* constitui tipicamente a soma de *eu* + *não-eu*. O *não-eu* pode corresponder a uma segunda ou a uma terceira pessoa, ou a ambas conjuntamente, que por sua vez, podem ser ou singulares ou plurais. (ILARI; FRANCHI; NEVES, 1996, p. 88)

Os autores afirmam que da mesma forma que *nós*, a expressão *a gente* geralmente representa um plural que soma *eu* + *não-eu* (1.^a + 2.^a e/ou 3.^a). Basicamente, pode-se dizer que esses estudos tinham como um dos objetivos mostrar como o falante podia utilizar as formas *nós* e *a gente* equivalendo a: a) *eu* + *não-eu*; b) *eu* + ‘*não-pessoa*’ e c) *eu* + *não-eu* + ‘*não-pessoa*’.

Também baseando-se na teoria de Benveniste, Lopes (1998) afirma que o plural, nos pronomes pessoais, pode indicar:

¹ As siglas nos exemplos correspondem à descrição dos informantes: *sexo* (M – Masculino e F – Feminino); *escolaridade* (P – Fundamental I, G – Fundamental II, S – Ensino Médio); *faixa etária*: (1 – 26 a 45 anos e 2 – 50 anos ou mais). As letras *a* – *z* identificam o informante.

- a referência a dois ou mais seres que partilham o mesmo lugar na interlocução e, por conseguinte, são da mesma natureza. Poderíamos citar o uso de *vocês*, dito por um professor para interagir com seus alunos, ou seja, mais de um *você*;
- a referência a dois ou mais seres que ocupam lugares diferentes na interlocução (*nós*, representando *eu+você(s)*, *eu+ele(s)*);
- uma referência indeterminada, porque ao englobar diferentes pessoas, um pronome pode [...] tornar-se tão genérico a ponto de não podermos precisar qual é o seu referente. (LOPES, 1998, p. 407-408)

Em seu estudo sobre os pronomes *nós* e *a gente*, com base em dados do projeto NURC, Lopes (1998) analisou o grau de amplitude do *eu*, e definiu níveis situados entre dois extremos: o grau máximo e mínimo de inclusão do *eu*. Seus resultados mostraram uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico. O falante utilizava preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor: ‘*eu + você*’, ou a: ‘*eu + ele*’, e quando o falante ampliava a referência, indeterminando-a, havia um maior favorecimento para a forma *a gente*, de maior grau de impessoalidade.

Porém, estudos mais recentes mostraram avanço do pronome *a gente* também no campo da determinação. Omena (2003) observou esse avanço comparando dados dos anos 1980 e 2000 do CENSO-RJ. Tais resultados podem sugerir a generalização de *a gente* em todos os contextos. De acordo com a autora:

No processo de gramaticalização, o traço (de indeterminação) se conservou e a forma ocupou variavelmente os contextos indeterminados da primeira pessoa do plural, mas à medida que vai se estabilizando como pronome, substitui mais e mais a forma antiga. Nesse caso, passa a ser usado frequentemente nos contextos de determinação, como aconteceu com o *on* em francês, que na alternância com o *nous* é caracterizado por Laberge (1977) como definido. (OMENA, 2003, p. 68)

Considerando os trabalhos já realizados sobre a variação *nós/a gente*, e baseando-se em Benveniste, Borges (2004) analisou as modificações semânticas que possibilitaram que a forma *a gente*, de caráter indeterminador, se integrasse no quadro dos pronomes pessoais do PB, com uso referencial específico. O autor propôs em seu trabalho uma escala ou grau de pessoalização para a forma *a gente*, contemplando tanto os contextos

de referência *genérica/não-específica*, como também os contextos de *referência específica*.

Sua hipótese em relação à variável *referência semântica do sujeito* era de que o uso de *a gente* estaria cada vez mais associado a referentes determinados, justamente pelo fato de estar pessoalizando-se no PB. E segundo Borges (2004, p.145), os resultados “parecem indicar que o curso da mudança de *a gente* está num estágio avançado, efetivando-se também como pronome pessoal *pleno*”.

4.1 A referência semântica dos pronomes nós/a gente na amostra de Concórdia

A referência semântica do sujeito tem se destacado como uma variável relevante para a escolha do pronome. Apesar da correspondência apontada entre *nós* e *a gente* na indicação de 1.^a pessoa do plural, uma análise preliminar das ocorrências dessas duas formas feita a partir de nossos dados parece indicar que o pronome *nós* geralmente refere-se a um sujeito mais determinado, enquanto *a gente* seria mais utilizado com referente indeterminado, mesmo que também seja amplamente usado em referência à 1.^a pessoa do plural.

Constatamos também, em nossos dados, que os pronomes *nós/a gente* podem apresentar uma referência semântica *exclusiva* (*eu + ele(s)*) ou *inclusiva* (*eu + tu/você*). Na referência *exclusiva*, o locutor exclui o interlocutor de sua fala, conforme mostra o exemplo (3):

(3) E daí *a gente* vai, *nós* fomo lá pra Jaborá, uns dia lá na sogra do Pedro, ah não, muito longe não. (FG2t)

Neste exemplo, a entrevistada fala sobre os lugares em que ela e o marido foram durante as férias. Os pronomes *a gente* e *nós* usados no decorrer do discurso não incluem o interlocutor, pois se referem a ela e ao marido: ‘*eu + ele*’ ou ‘*pessoa + não-pessoa*’, evidenciando, assim, um uso dos pronomes *nós* e *a gente* com referência *exclusiva*.

Já na referência *inclusiva*, o locutor faz referência a si mesmo e ao seu interlocutor, conforme mostra o exemplo (4):

(4) O que *nós* ia bastante era lá na Joana, né? (FG1k)

No exemplo (4) a entrevistada dirige-se ao marido, solicitando sua confirmação em relação aos lugares que costumavam frequentar (ela e o marido). Neste exemplo, o pronome *nós* refere-se a ‘*eu + tu/você*’, ilustrando um caso de referência *inclusiva*.

Apesar de verificarmos alguns casos de pronomes com referência *inclusiva* em nossa amostra, salientamos que, devido ao reduzido número dessas ocorrências (6), a análise da variável *referência semântica* foi realizada considerando, de um lado, os pronomes com valor semântico *determinado* e, de outro, os pronomes que apresentam um valor *indeterminado*. Nos exemplos abaixo, podemos identificar o uso dos pronomes *nós* e *a gente* com referentes *determinados* (exemplos 5 e 6) e *indeterminados* (exemplos 7 e 8).

Nos exemplos (5) e (6) a referência dos pronomes *nós* e *a gente* é facilmente detectada; no exemplo (5), o falante refere-se a sua família, pois está relatando onde passam as férias; no exemplo (6), a referência também é determinada: a entrevistada usa *a gente* e depois *nós* para referir-se a ela e ao marido.

(5) Nas férias *nós* vamo pra Mato Grosso que tem meu sogro que mora lá, ou *nós* vamo pra Camboriú. (MG2b)

(6) Daí fora disso, também... às vezes *a gente* vai pra Piratuba, né? Itá *nós* fomos também, *nós* saímos bastante. (FS2j)

Já nos exemplos (7) e (8) a referência dos pronomes amplia-se; no (7) o assunto é a infraestrutura do município, o uso do pronome *nós* torna-se mais abrangente, o que é reforçado pelo uso do indeterminador *o cara*. No exemplo (8) a entrevistada usa *a gente* referindo-se às pessoas de um modo geral, o que torna impossível a identificação de um referente específico.

(7) Funciona, funciona sim, porque hoje o que *nós* temo aí, tá loco... não tem o que *o cara* se quexá. (MG2b)

(8) É, o SUS, na verdade ele é governo federal, [...] é Sistema Único de Saúde, Sistema Único de Saúde *a gente* chama de SUS, né? (FS11)

A partir desses exemplos pode-se perceber que os pronomes *nós* e *a gente* não são autorreferenciais, mas sim dependentes do contexto para serem interpretados.

Assim, considerando que a indeterminação do sujeito manifesta-se nos casos em que não podemos determinar claramente o referente, classificamos, de um lado, os

pronomes *nós/a gente* usados como recursos de *indeterminação* e, de outro, essas mesmas formas quando apresentando uma referência *determinada*.

4.2 Análise dos dados

Na análise dos dados de Concórdia, obtivemos 1553 ocorrências dos pronomes *nós/a gente*, sendo 202 ocorrências (13%) de pronomes *nós/a gente indeterminados* e 1351 (87%) de pronomes *determinados*.

Comparando o tipo de referência semântica do sujeito, observamos que o contexto de determinação predomina largamente no uso de *nós* e *a gente* (87% das ocorrências), o que acreditamos estar relacionado ao tipo de dados analisados, pois as entrevistas incitavam os informantes a falarem sobre família, férias, lazer; temas que propiciavam o uso desses pronomes como determinados, pois incluíam o falante e pessoas que geralmente faziam parte de suas relações (cônjuges, filhos, amigos etc.).

Considerando as 202 ocorrências de pronomes indeterminados em nossa amostra, obtivemos 28 ocorrências de *nós* (14%, peso relativo: .17) e 174 de *a gente* (86%, peso relativo: .83). Já em relação aos pronomes com referência determinada, obtivemos 1351 ocorrências de *nós/a gente*, sendo 742 (55%, peso relativo: .56) do pronome *nós*, e 609 ocorrências (45% e peso relativo: .44) de *a gente*.

Pode-se observar que o peso relativo do pronome *a gente* é bem mais elevado na indeterminação (.83), confirmando o predomínio do pronome inovador nesse contexto. Este resultado corrobora os de Omena (1998), Lopes (1998), Tamanine (2002) e Borges (2004), pois em todos esses trabalhos o pronome *a gente*, em relação a *nós*, predominou no campo da indeterminação.

Em contexto de determinação, o pronome *nós* foi favorecido (.56), embora *a gente* já apresente um uso bastante significativo (.44). Alguns estudos de tendência também apresentaram resultados relevantes para a sustentação da hipótese em favor do aumento do uso de *a gente* com referente determinado. Zilles (*apud* BORGES, 2004) encontrou os seguintes valores para o *a gente específico* no falar de Porto Alegre: de 33% na década de 1970, passou para 51% na década de 1990. Omena (2003), para o Rio de Janeiro, também verificou um aumento do uso de *a gente* na determinação: de 67% na década de 1980, passou para 80% na década de 2000. Esses resultados indicam, portanto, um aumento significativo no uso de *a gente* no campo da determinação no PB.

Considerando a variável faixa etária, verificamos que na análise geral dos pronomes nós/a gente (determinados e indeterminados) os falantes *mais jovens* (26 a 45 anos) favorecem o uso do pronome inovador *a gente* (.55) na mesma proporção em que os *mais velhos* favorecem a manutenção do pronome conservador *nós* (.55).

A fim de melhor analisarmos o uso dos pronomes *nós/a gente*, efetuamos o cruzamento da variável *referência semântica do sujeito* com as *variáveis sociais*. Como já destacamos, os pronomes *nós/a gente* com referentes específicos, isto é, determinados, representam 87% das ocorrências em nossa amostra.

Os resultados dos cruzamentos indicam que o uso de *a gente* em contextos de *indeterminação* é praticamente o mesmo no sexo masculino (88%) e no feminino (85%), nas faixas etárias 1 (87%) e 2 (85%) e nos níveis de escolaridade fundamental I (86%), fundamental II (81%) e ensino médio (92%), este último apresentando um percentual de *a gente* indeterminado mais elevado.

Na análise dos pronomes com referência semântica determinada, constatamos um percentual de uso do pronome *nós* no sexo *feminino* de 57%, e no sexo *masculino* de 51%, o que indica que em contextos de determinação a frequência de uso do pronome *nós* pelas mulheres é levemente superior ao de *a gente*; já a frequência de uso dos pronomes *nós* e *a gente* pelos homens é praticamente a mesma.

Em relação à *faixa etária*, constatamos que os *mais jovens* apresentam o mesmo uso para os dois pronomes com referência semântica determinada (50%), enquanto entre os *mais velhos* predomina o uso do pronome *nós* (60%), com um resultado próximo ao encontrado na fala das mulheres.

Esses resultados, embora em percentagens, nos fornecem informações interessantes sobre a interação dos fatores nos dados analisados. Os cruzamentos da referência semântica do pronome com as variáveis sociais indicam, portanto, que em contextos *indeterminados* o uso de *a gente* predomina em todos os grupos analisados: nas duas faixas etárias, no sexo masculino e no feminino e nos três níveis de escolarização; já em contextos de *determinação*, os *mais jovens* e os *homens* apresentam a mesma frequência de uso para *nós* e *a gente*; enquanto as *mulheres* e os falantes *mais velhos* apresentam um maior uso do pronome *nós*. Esses resultados indicam que o uso do pronome canônico *nós* está sendo mantido principalmente pelas mulheres e pelos falantes mais velhos.

5. Considerações finais

Os resultados de nossa análise confirmaram a tendência geral verificada em outros estudos sobre as variáveis *nós/a gente*, ou seja, mostraram que contextos de *indeterminação* favorecem o pronome inovador *a gente* (.83). Assim, verificamos que o pronome *a gente* é frequentemente utilizado como recurso de indeterminação do sujeito pelos falantes de nossa amostra, já a probabilidade de utilização do pronome *nós* como indeterminado mostrou-se bastante restrita.

Constatamos também que no uso de *nós/a gente* com referência indeterminada é a forma *a gente* que prevalece na fala dos informantes de ambos os sexos, das duas faixas etárias e dos três níveis de escolaridade, ou seja, todos os falantes de nossa amostra usam principalmente o pronome *a gente* nesse contexto.

Já os contextos de referência determinada favorecem o pronome canônico *nós* (.56). Observa-se, porém, que a diferença na probabilidade de uso dos pronomes *nós/a gente* não é muito elevada nesse contexto (.56 e .44, respectivamente), indicando um avanço do pronome inovador também na determinação. Quanto às variáveis sociais, os falantes mais jovens e os homens utilizam os pronomes determinados *nós* e *a gente* praticamente na mesma proporção, enquanto as mulheres e os falantes mais velhos usam principalmente o pronome *nós*. Seriam, então, principalmente esses grupos – os falantes com mais de 50 anos e as mulheres – que estariam favorecendo a manutenção do pronome conservador *nós* na fala da comunidade analisada.

No falar de Concórdia, portanto, o pronome inovador *a gente*, além de predominar largamente com referente indeterminado, contexto que propiciou sua entrada no sistema pronominal, já apresenta um uso próximo àquele do pronome *nós* em contexto de determinação.

Referências bibliográficas

BENVENISTE, E. Estrutura de relações de pessoas no verbo. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995a, p. 247-259.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995b, p. 277-283.

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro**: Análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. 2004,

227 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CUNHA, C.; L. CINTRA. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FLORES, V. N. *et al.* **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

FRANCESCHINI, L.T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC**. 2011. 253 f. Tese (Doutorado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

ILARI, R.; C. FRANCHI; M. H. M. NEVES. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: A. T. CASTILHO; M. BASÍLIO (Orgs.). **Gramática do português Falado**. Volume IV - Estudos Descritivos. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

LOPES, C. R. *Nós e a gente* no português falado culto do Brasil. São Paulo: **DELTA**, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000200006>

_____. A gramaticalização de *a gente* em português de tempo real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n.1, p. 47-80, jul. 2004.

MENON, O. P. S. **Analyse sociolinguistique d' indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC – SP**. Tese (Doutorado em Linguística). Département de Recherches Linguistiques, Universidade Paris VII, 1994.

_____. A indeterminação do sujeito no português do Brasil: NURC-SP e VARSUL. In: Paulino Vandresen. (Org.). **Variação, mudança e contato linguístico no português da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, 2006, p.125-167.

MILANEZ, W. **Recursos de indeterminação do sujeito**. Dissertação (Mestrado em Letras). 1982, 149 f. Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1982.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo, UNESP, 2000.

_____. Os pronomes. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Vol. II. Campinas, Unicamp, 2008.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998, p.185-215.

_____. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 63-80.

OMENA, N. P. & BRAGA, M. L. *A gente* está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLICA, M. C. **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 75-84.

PINTZUK, S. **VARBRUL programa**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

SETTI, A. C. R. **A indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil**. 1997. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

TAMANINE, A. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

ZILLES, A. M. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

Artigo recebido em: 27.02.2015

Artigo aprovado em: 04.05.2015